

Pastoral: Rispa, mãe digna de honra

*“Então Rispa, filha de Aiá, tomou um pano de saco,
e o estendeu para si sobre uma penha...; e não deixou as aves do céu pousar
sobre eles de dia, nem os animais do campo de noite”.*

2 Sm 21.10

Pelo muito que já se tem falado sobre as mães, sua renúncia, sua resignação, sua dedicação e especialmente seu amor, pouco se poderia acrescentar com palavras, ainda que se pudessem reunir os grandes e renomados escritores de todos os tempos.

Portanto, o melhor que podemos fazer, uma vez que é imperativo aos filhos homenageá-las neste 11 de Maio, “Dia das Mães”, é buscar na Bíblia, a Palavra de Deus, o que Ele mesmo fez questão de registrar sobre essas mulheres maravilhosas, às quais foi dado o privilégio de sentir o amor que mais se identifica com o amor divino.

Assim sendo, quero retratar aqui a história de Rispa, mãe digna de honra. Talvez poucos de nós já ouvimos falar dela, contudo sua atitude materna jamais poderá ser apagada da história.

Certamente muito bonita e formosa, pois foi mulher do rei Saul, Rispa deu-lhe dois filhos: Armoni e Mefibosete, que cresceram desfrutando de um amor e carinho próprios de uma mãe digna de honra.

Depois da morte de Saul, os gibeonitas reclamaram vingança contra os israelitas por causa de um acordo quebrado por Saul e pediram a morte de sete filhos de Israel. Davi, agora, é rei e determina que sete filhos de Saul sejam entregues aos gibeonitas para expiação. Entre eles os dois filhos de Rispa.

Impotente diante dos fatos, Rispa nada pode fazer senão exteriorizar com ações a grandeza do amor de uma mãe: “Então Rispa, filha de Aiá, tomou um pano de saco, e o estendeu para si sobre uma penha, desde o princípio da ceifa até que sobre eles caiu água do céu; e não deixou as aves do céu pousar sobre eles de dia, nem aos animais do campo de noite”.

Seria possível imaginar uma cena desta? Rispa transfere para aquele lugar, onde seus filhos foram enforcados e dali não podiam ser removidos, a sua morada. Calor do sol e frio das noites não dormidas, e ali estava aquela mãe. Sem esperar nada mais de seus filhos, pois já eram cadáveres em decomposição, deles cuidava ela. Não o fazia em troca de um beijo, um abraço ou um carinho; também não cuidava deles, como cuidam as mães preparando seus filhos para uma carreira de sucesso nos estudos e no trabalho. Ela apenas exteriorizava o amor de mãe, pois eram seus filhos. Sua atitude comoveu o rei que, passados os dias, mandou sepultá-los.

A dedicação de Rispa está registrada para que possamos meditar no alcance, na altura, na largura e na profundidade do amor de uma mãe. O amor que mais se identifica com o amor do próprio Deus.

A vocês, mães, nosso forte abraço e o reconhecimento pelo que fizeram, pelo que fazem e, ainda, pelo que farão por nós, seus filhos. E a Deus, nossa eterna gratidão por suas preciosas vidas.

Pr. Evaldo Bueno Rodrigues